

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

**CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA PROFISSIONAL: PERCEPÇÃO DE GRADUANDOS  
DE TERAPIA OCUPACIONAL**

**Thaynara da Silva Bertossi**

**São Carlos – SP**

**2021**

Thaynara da Silva Bertossi

**Construção identitária profissional: percepção de graduandos de terapia ocupacional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Orientadora Profa. Carla Regina Silva

Data da defesa: 15/01/2021

Avaliação realizada por Isadora Cardinalli

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/6817080912868220>

São Carlos – SP

2021

## RESUMO

**Introdução:** Na Terapia Ocupacional, muitos dos elementos que formam a identidade profissional são questionados, e há o debate entre o desejo de uma identidade única e a percepção das identidades como complexas e dinâmicas, desde que haja fundamentos em comum. Nesse sentido, a pesquisa buscou apreender questões acerca da formação da identidade profissional a partir de percepções de estudantes graduandos de terapia ocupacional. **Metodologia:** Foi desenvolvido um questionário pelo formulário Google®, respondido por 177 estudantes, de 23 instituições. Os dados foram sistematizados pelas ferramentas Excel e Word Clouds. **Resultados e Discussão:** As respostas do questionário sobre as percepções da identidade foram analisadas a partir das categorias “Saberes, Fazeres e Posturas” “Públicos, Demandas e Especialidades” e “Função Social da Profissão”. São revelados o uso dos termos específicos na busca pelo reconhecimento social, além das posturas profissionais como caracterização da identidade. São citados diversos públicos, relacionados com estigmas e vulnerabilidades sociais, o compromisso ético-político da profissão com os sujeitos, e a consequente marginalização da mesma. Ainda, a influência das mudanças de paradigmas relaciona-se aos objetivos da prática, porém, mantém-se a visão do binômio incapacidades-capacidades. **Conclusão:** Foi possível delinear as principais características das percepções dos estudantes, entretanto, ainda é necessário avaliar suas influências sob diferentes aspectos culturais e de formação.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional; Construção da Identidade Social; Formação Profissional

## ABSTRACT

**Introduction:** In Occupational Therapy, many of the elements that make up professional identity are questioned, and there is a debate between the desire for a single identity and the perception of identities as complex and dynamic, as long as there are common foundations. In this manner, the research sought to apprehend questions about the formation of professional identity from the perceptions of occupational therapy undergraduate students. **Methodology:** A questionnaire was developed using the Google® form, answered by 177 students from 23 institutions. Data were systematized using Excel and Word Clouds tools. **Results and Discussion:** The answers to the questionnaire about the perceptions of identity were analyzed by the categories “Knowledge, Practices and Postures”, “Public, Demands and Specialties” and “Social Function of the Profession”. The use of specific terms in the search for social recognition is revealed, in addition to professional attitudes as a characterization of identity. Various groups are mentioned, related to stigmas and social vulnerabilities, the ethical-political commitment of the profession to the subjects, and its consequent marginalization. Still, the influence of paradigm shifts is related to the objectives of the practice, however, the view of the incapacity-capacity binomial is maintained. **Conclusion:** It was possible to outline the main characteristics of the students' perceptions, however, it is still necessary to assess their influences under different cultural and educational aspects.

**Keywords:** Occupational Therapy; Construction of Social Identity; Professional qualification

## **INTRODUÇÃO**

As identidades profissionais são tematizadas pela sociologia do trabalho ao buscar e analisar as dinâmicas de reconhecimento social das atividades de trabalho remunerado, o que constitui um aspecto vital da atualidade (VIEIRA, 2007). A identidade profissional pode ser abordada como a perspectiva única que une os membros de um grupo e o diferencia de outros, centrada no paradigma da profissão. Ele será formado por visões e crenças compartilhadas entre os membros, que irão delinear quais serão as preocupações e métodos em sua prática profissional, e construir a cultura e os propósitos da profissão (KIELHOFNER, 2009; CARVALHO, 2012)

Os sociólogos franceses Dubar e Tripier (1998) apresentam reflexões sobre as definições profissionais: i) as profissões não existem separadas de problemas e fronteiras com outras, o que interfere diretamente nas disputas de classificação e políticas de emprego; ii) as profissões não são unificadas, mas articulam segmentos profissionais mais ou menos organizados e identificáveis; iii) as profissões não são estáveis, existem processos de estruturação e desestruturação junto a formas culturais, configurações políticas e tempos históricos variáveis atuando na construção profissional; iv) as profissões não são objetivas, porém as relações dinâmicas entre as instituições formadoras, de trabalho, de gestão e trajetórias individuais centrais corroboram para compreensões sobre identidades sociais e pessoais.

Assim, não apenas os fatos coletivos influenciam os processos de construção identitários, mas também trajetórias individuais, sistemas de crenças e de práticas, hábitos, projetos de vida e mundos sociais. Assim como, inversamente, o próprio “sentido do trabalho relaciona-se com a produção de identidade, já que as identidades profissionais são as formas socialmente construídas pelos indivíduos de se reconhecerem uns aos outros no campo do trabalho e do emprego” (VIEIRA, 2007, p. 247).

## **IDENTIDADE PROFISSIONAL E A TERAPIA OCUPACIONAL NO BRASIL**

A influência do contexto na formação de particularidades identitárias, no caso brasileiro, retoma sua instituição pelo movimento de reabilitação internacional, sob forte influência norte-americana, e pela concepção de ocupação institucionalizada e relacionada à laborterapia, com suas bases no modelo biomédico positivista reducionista e forte influência da lógica do capital e do controle social (LIMA, 2003; DRUMMOND, 2007; GALHEIGO, 2007).

Relatos de profissionais formadas nas primeiras décadas dos cursos de terapia ocupacional da região sudeste do país reúnem dificuldades de uma profissão jovem, majoritariamente feminina, com base no ensino oral e escassez de materiais específicos, assim como de profissionais/docentes da área para o ensino da profissão, além de sua posição desviante em vista dos saberes e poderes hegemônicos (MELO, 2015; CARDINALLI, 2017).

A partir dos anos 1970, com a mobilização pela redemocratização e pela desinstitucionalização da atenção em saúde no país, e, sobretudo, após 1990, houve fortalecimento da categoria nos âmbitos científico, político e social, com decisiva inserção profissional nas políticas públicas sociais brasileiras. O redimensionando pela pauta social e dos direitos conduziu à problematização ético-política em terapia ocupacional, convocando novas concepções e terminologias, como atividade humana e cotidiano. Por outro lado, seu desenvolvimento setorizado também acabou por pulverizar a discussão sobre fundamentos e identidade do campo (GALHEIGO, 2007; CARDINALLI, 2017; CARDINALLI; SILVA, 2021).

A questão da identidade profissional se tornou recorrente para a terapia ocupacional brasileira, principalmente ao considerar singularidades diante das relações nacionais e internacionais. Contudo, uma série de elementos e implicações envolvem essa questão, como sua brevidade histórica e as experiências brasileiras, por exemplo, que envolvem sua ampla extensão e desenvolvimento desigual entre suas regiões, uma multiplicidade de campos de atuação associados às políticas sociais e uma produção científica específica ainda mais recente, tornando peculiar o desafio de convergir suas proposições teórico-práticas (CARDINALLI, 2017).

Encontramos proposições discrepantes, inclusive, sobre a classificação da terapia ocupacional: Caniglia Machado (1991) a considerou como ciência, com objeto de estudo próprio, o que indica sua finalidade; Tassara (1993) a avaliou enquanto tecnologia por articular cientificamente procedimentos técnicos; Castelo Branco (2003), por outro lado, a descreveu como uma “quase-profissão”, pois, apesar de possuir reconhecimento jurídico, ainda seria frágil nos quesitos sociais e científicos.

Filosoficamente, o debate sobre *identidade* na terapia ocupacional, comumente associada à ideia de *crise*, também recebeu críticas. Galheigo (1999) exaltou a produção transdisciplinar de seus conhecimentos e que, apesar de não deter um objeto de estudo próprio, se faz na multidimensionalidade e na pluralidade. Lima (1999), no mesmo sentido, vislumbrou as

possibilidades de composição das diferenças e de uma construção identitária complexa. E Anjos Furtado (1999) encarou a marginalidade de sua prática como possibilidade de independência da reprodução da rigidez de algumas ciências e sistematizações, possibilitando liberdade de ser e de cuidar do que se é. Lima (2003), posteriormente, reforçou o desejo pela diferença na atenção a seus públicos, na adoção de referenciais e na própria caracterização da profissão.

Carvalho (2012) observou que, apesar do crescimento da profissão, permanece um grande desconhecimento que incomoda os profissionais, sendo visto como uma dificuldade para sua prática. Seus atributos identitários são frequentemente questionados por parte dos profissionais, como o seu nome e suas longas definições que, muitas vezes, se tornam incompreensíveis. Também coloca que, “na medida em que a Terapia Ocupacional intervém com populações que podem ser consideradas grupos ‘estigmatizados’, ela pode, por consequência, ocupar também esse lugar” (CARVALHO, 2012, p. 366).

Alguns autores, contudo, consideram o caminho da definição de uma concepção unitária para a profissão. Fitzgerald (2014), entende que fortalecimento da autonomia profissional e da formação identitária pode ser atingido através do foco na atividade e ocupação. Já Escobar e Ruiz (2017) buscaram na ocupação o nexo comum para visibilidade profissional.

Ferioti (2017) apontou uma expectativa entre terapeutas ocupacionais de se uniformizar a prática e seus fundamentos teóricos em uma identidade profissional fechada e mais estável. Contudo, acredita que o fechamento da identidade seja um risco à homogeneização cultural, submetendo-a à dominação de poderes e interesses envolvidos. Assim, propõe analisar a unidade em aspectos globais, que garantam a diversidade e a individualidade. Oferecendo, então, uma perspectiva e identidade complexas para a profissão, como uma vantagem frente aos novos paradigmas e desafios que emergem (FERIOTTI, 2017).

Outros trabalhos no contexto espanhol também discutiram o desenvolvimento da identidade da terapia ocupacional como um processo dinâmico, que combina diferentes fatores e se transforma ao longo do tempo, relações, lugares, contextos sócio-históricos e campos profissionais (TALAVERA, 2007; MORISSON; GARLITO; MIRALLES, 2018).

Há poucas pesquisas que analisaram quanti ou qualitativamente a expressão do tema da construção identitária entre profissionais e estudantes de terapia ocupacional. Pesquisas realizadas com estudantes, como de Ashby, Adler e Hebert (2016) em países de língua inglesa, como Austrália, Canadá, Irlanda, Nova Zelândia, Reino Unido e Estados Unidos, e como Morisson et al (2018) na Espanha mostram que perfis identitários envolvem processos

individuais anteriores ao início da formação graduada e mudanças pessoais ao longo do curso, proporcionadas pelas proposições curriculares.

No contexto brasileiro, uma pesquisa com estudantes e egressos do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais encontrou que a profissão era representada pelos participantes de forma a priorizar o “fazer” mais do que o “ser”. Ainda, a pesquisa mostra que a formação identitária se estende para além da graduação, e pode mudar após ela (DUTRA; SANT’ANNA, 2017).

A investigação do tema durante a graduação pode revelar processos e temáticas cruciais para a identificação da categoria profissional e construção do sentimento de pertencimento. Dessa forma, a percepção de estudantes sobre especificidades técnica e epistêmica contribui para refletir sobre o processo de construção identitária profissional. Com isso, tendo em vista as particularidades do contexto brasileiro, esse trabalho buscou compreender expressões da identidade profissional pela percepção de graduandos de cursos brasileiros de terapia ocupacional.

## **METODOLOGIA**

Foi desenvolvido um questionário, através da ferramenta formulário Google®, direcionado aos estudantes de graduação de terapia ocupacional matriculados em cursos de Instituições de Ensino Superior públicas e privadas brasileiras. As questões abrangeram o perfil das/dos participantes assim como definições e compreensões de/em/sobre terapia ocupacional, além de campos de atuação, termos fundamentais, características inspiradoras e especificidade da profissão.

Foi realizado um plano de divulgação baseado no levantamento dos cursos de graduação em terapia ocupacional ativos de acordo com a plataforma eMEC do Ministério da Educação. Dos 68 registros de universidades, 38 cursos constavam como ativos nos endereços eletrônicos das universidades, em relação aos quais foram mapeados os e-mails disponibilizados (institucionais, das coordenações ou secretárias do curso), páginas e grupos (Facebook, WhatsApp e Instagram) voltados para o curso ou estudantes da instituição, além de centros acadêmicos e outras opções de contato oferecidas pelas universidades.

O formulário foi divulgado em 20 de abril de 2020 e ficou disponível por aproximadamente dois meses, sendo reenviado eventualmente por esses canais durante este

período. Os resultados foram analisados quanti e qualitativamente através das ferramentas Excel® e Word Clouds.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram 177 estudantes, a maioria com idades entre 17 e 26 anos. São naturais de 95 municípios diferentes, de 17 estados brasileiros e de dois países estrangeiros, com maior prevalência da região sudeste (63%) com destaque para o estado de São Paulo (36,7%). São graduandos de 23 Instituições de Ensino Superior brasileiras, públicas e privadas, de diferentes regiões do país, sendo que 65,5% delas estão localizadas no Sudeste, a região com maior concentração dos cursos de terapia ocupacional. Isso implica, sugestivamente, que mesmo após a expansão dos cursos, as vagas continuam sendo prioritariamente preenchidas por estudantes da região de maior acúmulo de riqueza do país o que, inevitavelmente, oferece determinadas implicações culturais e identitárias.

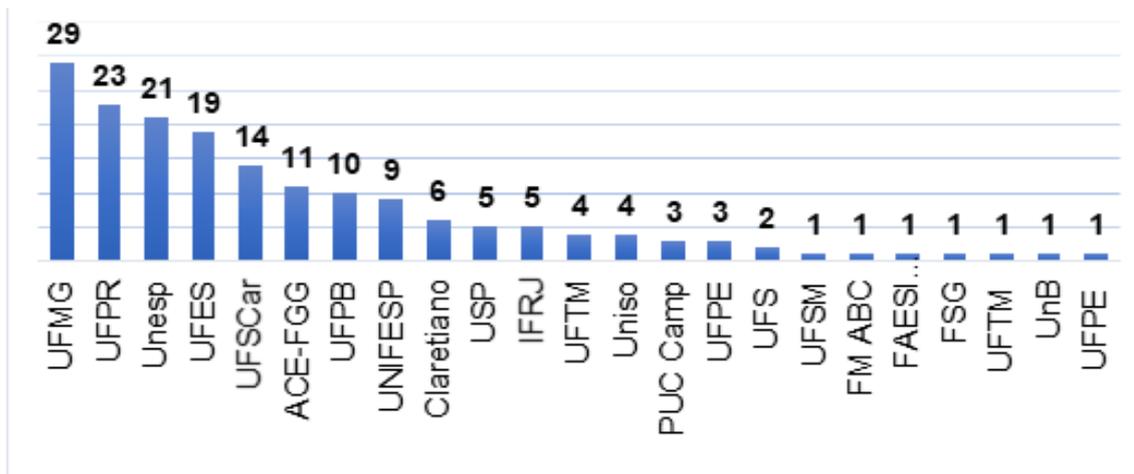


Gráfico 1: Instituições de Ensino Superior dos participantes

Os anos de ingresso no curso foram majoritariamente 2017, 2018 e 2019, cursando com maiores frequências o quarto (29,9%), o primeiro (22,5%) e o terceiro (19,2%) anos, considerando a duração dos cursos entre quatro e cinco anos. A maior parte dos estudantes não possui outra graduação. 123 (69,4%) deles já participaram de atuações em terapia ocupacional, destacando os contextos de disciplinas práticas, atividades extensionistas e o estágio curricular, implicando um tipo de conhecimento experienciado.

Referem buscar informações sobre a terapia ocupacional em artigos, aulas e livros, nessa ordem, entretanto, quando indicam onde obtém mais informações, as aulas se destacam. Isso indica que, apesar do avanço da produção científica, a formação se mantém fortemente

sustentada pelo ensino oral e pelo papel de professores/tutores/facilitadores/preceptores ou profissionais de referência.

As percepções sobre a identidade da profissão foram analisadas a partir de sete questões 1) “Ao considerar os atuais campos de atuação da terapia ocupacional, quais você considera os três mais representativos?”; 2) “Como você define a terapia ocupacional?”; 3) “Como você costuma responder ao perguntarem sobre o que é a terapia ocupacional?”; 4) “Quais termos você avalia como fundamentais para definir a terapia ocupacional?”; 5) “Você poderia escolher os três termos mais importantes que você utiliza para definir a terapia ocupacional?”; 6) “Qual(is) característica(s) você se identifica, te atrai(em) e/ou te inspira(m) na terapia ocupacional?” 7) e “O que você identifica como especificidade na terapia ocupacional que a diferencia de outras profissões?”.

As análises das respostas serão apresentadas e discutidas em três categorias, sendo: a) Saberes, Fazeres e Posturas; b) Públicos, Demandas e Especialidades; c) Função Social da Profissão.

#### a) SABERES, FAZERES E POSTURAS

Nesta categoria foram incluídas tendências teórico-práticas relacionadas a terminologias que trazem especificidade à terapia ocupacional e/ou suas relações com áreas do conhecimento; assim como valores e posturas percebidos nas condutas profissionais em relação aos seus públicos.

Na pergunta 2, sobre como definem a profissão, de caráter aberto, 88 estudantes (49,7% dos participantes) utilizaram em suas respostas termos, como: atividade (28,2%), ocupação (27,6%), cotidiano (11,8%) e fazer humano (3,3%).

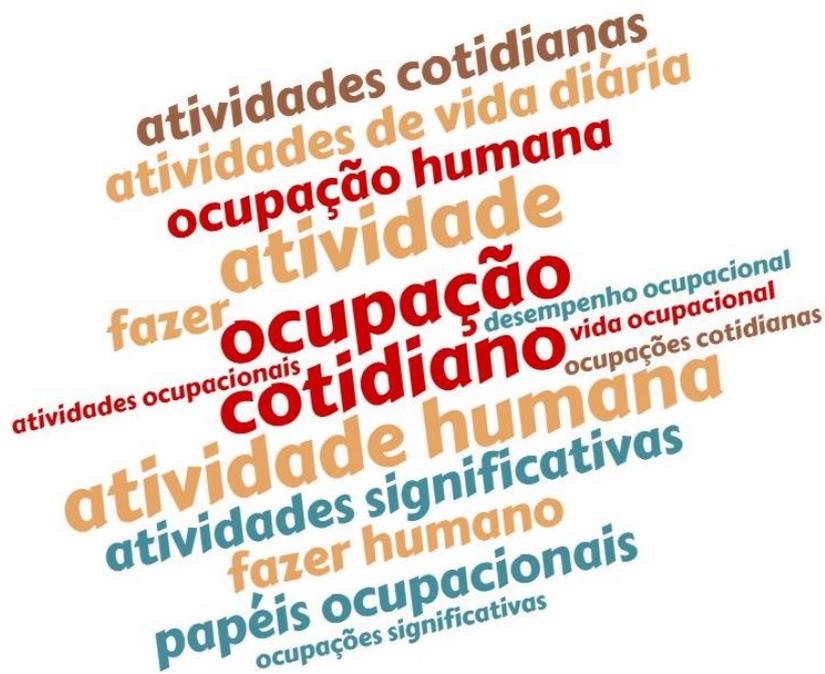


Figura 1 – Nuvem de palavras com os termos relacionados a definições de terapia ocupacional

O uso dos termos atividades (30,5%), ocupações (14,6%) e cotidiano (11,2%), e suas variações, também foi referenciado em 95 respostas (53,6% dos participantes) da questão 7, sobre a especificidade do trabalho em terapia ocupacional. Ainda nessa questão, 48 (27,2%) respostas se referiam às atividades/ocupações humanas, como estudo, recurso ou objetivo terapêutico; 23 (13%) respostas fizeram referência ao cuidado humanizado; 20 (11,3%) ao foco/análise do cotidiano; 14 (7,9%) ao trabalho com as Atividades de Vida Diária e Atividades Instrumentais de Vida Diária; 12 (6,8%) ao uso de atividades significativas e 6 (3,4%) à análise da atividade.

Estes termos referem a um aspecto central em definições da profissão enquanto elementos que corroboram com sua identificação na busca por reconhecimento social e expressam, inclusive, disputas do campo, como já apontado nas posições de Fitzgerald (2014) e de Devery, Scanlan e Ross (2018).

Nas questões 4 e 5, abordava-se quais termos eram considerados fundamentais para definir a profissão. A primeira questão era fechada e dispunha de 40 termos, sendo possível marcar quantos desejasse. A segunda era aberta, e pedia que se escolhesse três termos que fossem considerados mais importantes.

Foram indicados com maior frequência nas questões fechada e aberta, respectivamente, os termos: ocupação (84,7% e 40,6%), autonomia (83,6% e 36,1%), cotidiano (81,3% e 27,1%), atividade humana (75,1% e 18,6%), inclusão (71,1% e 12,4%), Atividades de Vida Diária/Atividades Instrumentais de Vida Diária (70% e 14,6%), sentido e significado (68,3% e 19,2%), acessibilidade (66,6% e 2,8%), saúde (62,7% e 7,9%), atividade (52,5% fechada, 19,2% aberta), humanização (61,5% e 8,4%), participação (59,8% e 5,6%), sujeito (59,3% e 6,2%), bem-estar (58,7% e 4,5%), contexto (57,6% e 8,4%) e desempenho (56,4% e 6,2%).

Semelhantemente, na questão 6, sobre as características atrativas e inspiradoras da profissão, foram apontadas: ser uma profissão do cuidado (12,4%), a criatividade (10,1%), o foco nas particularidades do sujeito (9,6%), nas potencialidades e capacidades (6,7%) o holismo/integralidade (7,3%), a consideração do contexto (5%) e, com menor frequência, termos relacionados atividades/ocupações/fazer humano (4,5%). Ainda, 54 (30%) respostas incluíam características da postura profissional, com destaque para a humanização (11,8%), a empatia (8,4%) e o acolhimento (5,5%).

Porém, ao explicar a profissão a outras pessoas, questão 3, aparecem com uma maior frequência os termos atividade, ocupação, cotidiano e fazer (21,4%). Também são apontadas a integralidade/sujeito biopsicossocial (7,3%), a intervenção de acordo com demanda (3,3%), a consideração do contexto e complexidades (2,8%) e valorização das individualidades (1,6%). Dentre as respostas dessa questão ainda foram relatados objetivos da prática, campos e públicos, que serão apresentados em categorias posteriores, além de dificuldades em explicar a profissão (4,5%) e exemplos de atuação (7,9%).

Dutra e Sant'anna (2017) apontam, em sua pesquisa com estudantes e egressos do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, o uso de palavras que revelam a priorização do “fazer” profissional, em detrimento do “ser”. Entretanto, os autores apontam uma baixa permissibilidade de terapeutas ocupacionais em se colocar como sujeitos. Entre nossos dados e análises, ambas percepções apareceram, ou seja, tanto o que se faz, como também as posturas tomadas, como referente à humanização, identificando a profissão.

Nesse sentido, Fitzgerald (2020) entende que uma forma de identificação pode acontecer com a internalização das crenças e valores profissionais criados pela classe, resultando em um comportamento correspondente. As posturas e valores apontados nas respostas de nossa pesquisa indicam a prevalência de elementos de referência pragmatista, que estão presentes desde o início da profissão nos Estados Unidos, tais como... (Carlinha pode ajudar aqui).

Galheigo (2014) propõe um olhar para epistemologias e trajetórias identitárias comuns à América Latina, trazendo a discussão com base nas discussões de Boaventura de Sousa Santos, considera o caráter transitório entre o que é individual e o que é coletivo da profissão, entretanto, os aspectos culturais e contextuais têm sido mais valorizados nas últimas décadas. Considerando a especificidade da produção brasileira, vemos o termo atividade como referência importante nas respostas, como já apontado pela literatura, e a questão da criatividade que se tornou referência difundida para a terapia ocupacional por personalidades como Nise da Silveira (CASTRO; LIMA, 2007; CARDINALLI, 2017).

#### b) PÚBLICOS, DEMANDAS E ESPECIALIDADES

Essa categoria olhou para quem se destinam as ações e reflexões em terapia ocupacional, considerando as temáticas foco dos campos de especialidades, faixas etárias e demandas gerais dos públicos acompanhados.

Na pergunta 2, sobre como definem a profissão, de caráter aberto, 57 (32,2%) respostas apontaram áreas de atuação, com destaque para as grandes áreas da saúde (27,1%), do social (10,1%) e da educação (9%). Ainda, 6 (3,3%) estudantes apontaram a amplitude de campos possíveis, sem citar nenhum diretamente. Já entre as demandas e públicos citados estavam pessoas com alterações físicas (5%), psíquicas (5%), demandas sociais (4,5%), sensoriais (2,2%), cognitivas (1,6%), culturais (1,6%), e de saúde (1,1%). Além disso, quatro respostas (2,2%) apontavam como público pessoas de todas as faixas etárias.

Na questão 3, aberta sobre como explicam a profissão, 58 (32,7%) estudantes incluíram campos/áreas de atuação nas respostas, destacando-se a saúde (24,8%), saúde mental/psicológica (10,1%), disfunção física (9,6%), educação (9%), contexto social (4,5%), reabilitação (3,3%) e hospitalar (2,2%). Na mesma questão, 51 (28,8%) estudantes usaram características e demandas do público alvo de atuação da terapia ocupacional, dentre eles estavam aqueles com dificuldades ou deficiências físicas (14,6%), fatores e condições sociais (10,7%), mentais (9%), psicológicas/psíquicas (3,9%), cognitivas/intelectuais (3,9%), sensoriais (1,6%), emocionais/afetivas (2,8%) e patologias/doenças (2,8%), pessoas de todas faixas etárias (5%), com deficiências/disfunções de forma geral (2,2%) e público individual ou coletivo (2,2%).

Na questão 1, de múltipla escolha que perguntava a opinião sobre os três campos mais representativos da profissão, apareceram a Saúde Mental (58,1%), a Disfunção Física (48,5%), o Desenvolvimento Infantil (48,0%), a Disfunção Sensorial (22,5%), os Contextos Hospitalares (22%) e a Gerontologia (20,9%) como os mais recorrentes. Mas, quando questionados abertamente como costumam explicar a profissão (questão 3), os(as) estudantes incluíam outros campos de atuação nas respostas, destacando-se a saúde (24,8%), saúde mental/psicológica (10,1%), disfunção física (9,6%), educação (9%), contexto social (4,5%) da reabilitação (3,3%) e hospitalar (2,2%).

A forte percepção dos campos relacionados à saúde reverbera relações tradicionais da profissão, e predominantes internacionalmente, que continuam sendo identificadas como mais representativas, contudo, aparece a compreensão de que a educação e o contexto social também compõem e, possivelmente, ampliam sua identidade e diversificam suas funções sociais em nosso país.

Escobar e Ruiz (2017) apontam uma escassez de produções específicas da profissão já que a orientação teórica da terapia ocupacional foi construída a partir de diversas áreas distintas. Cardinalli (2017) também mostra as porcentagens reduzidas das publicações de terapeutas ocupacionais relacionadas a temas considerados como fundamentos da profissão. E, lembrando, que Galheigo (1999), Lima (1999) e Castelo Branco (2003) já haviam defendido a constituição de uma visão integradora ou de características conjuntivas, que vão além da fragmentação da realidade, a partir de marcas como inter/transdisciplinaridade, pluralidade e complexidade da identidade profissional.

Apesar da variabilidade dos públicos citados, estes se relacionam pelo enfrentamento à estigmatização, exclusão, marginalização e vulnerabilidade social.

Lima (2003) explicou que a terapia ocupacional emergiu da lógica do capital e da docilização dos corpos, entretanto, na interrelação com as populações se direcionou para o direito à diferença e à diversidade. Com isso, a profissão passou a ocupar conjuntamente esse lugar de submissão e de diferença, mas também de resistência a esses processos com compromisso ético-político com os sujeitos. A autora, então propõe, assumirmos não só o direito como o desejo à diferença. Assim como Furtado (1999), havia defendido a inversão da compreensão de que sua condição de marginalidade seja fragilidade.

Carvalho (2012) também considerou que a população alvo da profissão é aquela historicamente caracterizada pela vulnerabilidade, seja por questões de saúde ou sociais. A

partir disso, a autora entendeu que existem implicações para a identidade da profissão, como o compromisso de terapeutas ocupacionais com as necessidades e direitos da população que atende, assim como a estigmatização sofrida por ambos, consequente de sua dedicação.

Ainda assim, vemos pouca ou nenhuma indicação de populações estigmatizadas e condições de vulnerabilidade estritamente relacionadas às particularidades culturais, sociais, políticas, econômicas e históricas que confluem na produção da desigualdade profunda que é marca da sociedade brasileira, tais como pobreza, racialidade, violência, expropriação, exploração colonial e colonialidade, ou mesmo pautas contemporâneas como LGBTQI+fobia e o capacitismo, dentre tantas.

### c) FUNÇÃO SOCIAL DA PROFISSÃO

Assim como as metodologias e recursos, as finalidades da prática profissional aparecem como um fator importante nas respostas dos estudantes, seja para explicá-la ou identificar-se com ela. Dessa forma, a categoria representa os objetivos, as idealizações e mudanças esperadas a partir da atuação de terapeutas ocupacionais.

Dentre os objetivos e recursos incluídos nas respostas sobre a definição da profissão, questão 2 de caráter aberto, destacaram-se a promoção da autonomia (29, 3%), independência (18,6%), qualidade de vida (8,4%), habilitação e reabilitação (7,3%) e prevenção de saúde (5%), participação/reinserção e integração social (5,6%), adaptações (3,9%) promoção de saúde (3,3%), inclusão (2,8%), engajamento (2,2%) e escuta (1,12%).



A investigação sobre a identidade também reflete as perspectivas e transições epistemológicas envolvidas e influenciadas, por exemplo, pelas reformas sanitária e psiquiátrica, nacionalmente, e apela adoção da CIF (Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde) como referência da Organização Mundial da Saúde. Na medida em que o foco passa das incapacidades para as capacidades e a saúde passa a ser entendida como o bem-estar comunitário, a terapia ocupacional no Brasil direcionou-se para a restauração da autonomia e a participação social (ESCOBAR; RUIZ, 2017; FERIOTTI, 2017).

Contudo, é predominante a relação dos objetivos com a área da saúde e da reabilitação, mesmo que outras áreas tenham sido apontadas anteriormente, suas finalidades ainda não parecem ter sido compreendidas tão distantes do raciocínio médico tradicional. Assim como, é evidente a expressão da perspectiva individualista na identificação de demandas e na busca por soluções, ou seja, sem considerar possibilidades de atuação frente as condições e estruturas sociais implicadas. E, ainda que se vise a positividade como apontado no parágrafo anterior, o raciocínio sobre as demandas e funções sociais ainda se mantém dentro do binômio e linearidade das incapacidades-capacidades. Ao que parece, a apreensão de sua especificidade continua sutilmente atrelada às lógicas do capital e do controle daquele que desvia de padrões de normalidade.

## **CONCLUSÕES**

A identidade profissional pode ser percebida como um campo de disputa, não estático e que está diretamente relacionada às culturas, políticas e formas de organização do trabalho. A construção da identidade do terapeuta ocupacional se inicia, portanto, anteriormente ao curso, e se desenvolve durante e após ele, nos campos de atuação e na prática profissional.

A pesquisa da percepção dos estudantes sobre identidade da TO convoca a pensar sobre a formação da especificidade profissional na trajetória brasileira, quais espaços formativos estão envolvidos e como os temas têm sido abordados

Alguns elementos aparecem como significativos para a formação identitária, como o destaque para as aulas práticas na aquisição do conhecimento, e o foco nos objetivos da prática e nas posturas profissionais na forma de definir e explicar a profissão, mostrando a relação dos paradigmas dos campos e da profissão interferem na formação das identidades.

No mesmo sentido, a identificação profissional da terapia ocupacional parece mostrar uma grande relação com o público que intervém, seja historicamente, na própria mudança de paradigma decorrente do compromisso ético-político desenvolvido com a população, e o consequente estigma tomado para si pelos profissionais; ou na forma de identificação do trabalho e função social da terapia ocupacional, a partir das necessidades da população identificadas através dos parâmetros dos paradigmas dos campos.

A pesquisa foi capaz de reunir percepções de estudantes de diferentes instituições, e em aspectos diversificados. Entretanto, ainda parece ser importante que haja uma avaliação das repercussões na percepção da identidade a partir de diferentes anos do curso, contextos de formação e aspectos culturais.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ASHBY, E.; ADLER, J.; HEBERT, L. An exploratory international study into occupational therapy students' perceptions of professional identity. *Australian Occupational Therapy Journal*, v. 63, p. 233-243. 2016. Disponível em: <<https://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1111/1440-1630.12271>>. Acesso em 03/11/2021.

CARDINALLI, I. *Conhecimentos da Terapia Ocupacional no Brasil: um estudo sobre trajetórias e produções*. São Carlos: UFSCar, 2016. 208 p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional em Universidade Federal de São Carlos, 2017.

CARDINALLI, I.; SILVA, C. R. Trajetórias singulares e plurais na produção de conhecimento de terapia ocupacional no Brasil. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v.29, e. 2040, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2040>>. Acesso em 03/11/2021.

CARVALHO, C. R. A. A Identidade Profissional dos Terapeutas Ocupacionais: considerações a partir do conceito de estigma de Erving Goffman. *Saúde Soc. São Paulo*, v.21, n.2, p.364-371, 2012

CASTELO BRANCO, M. F. F. *Terapeuta Ocupacional: Construção de uma identidade profissional*. Recife: UFPE, 2003. 104 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

CASTRO; E. LIMA, E. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 11, n. 22, 2007.

DRUMMOND, A.F. Fundamentos de Terapia Ocupacional. In: Cavalcanti, A.; Galvão, Claudia. (org.). *Terapia Ocupacional - fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., p. 10-17, 2007.

DUBAR, Claude.; TRIPIER, Pierre. *Sociologie des professions*. Armand Colin, Paris: Editions Armand Colin, 1998

DUTRA, L. R.; SANT'ANNA, P. A. As representações sociais dos discentes e egressos sobre a terapia ocupacional Revista Psicologia: Teoria e Prática, v. 19, nº1, p. 79-93. São Paulo, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n1p79-93>>. Acesso em 11/05/2020

ESCOBAR, J. C.; RUIZ, M. C. C. Identidad profesional e implantación de la terapia ocupacional en España. TOG (A Coruña, v. 14, nº26, p. 304-315, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6273859>>. Acesso em 03/11/2021.

FERIOTTI, M. L. Construcción de la identidad profesional Del terapeuta ocupacional em el marco epistemológico actual: una mirada particular desde Brasil. TOG (A Coruña). V. 14. Num. 25. Março de 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5915141>>. Acesso em 03/11/2021.

FITZGERALD, M. Maintaining professional identity and role in the modern workplace. British Journal of Occupational Therapy, v. 77, nº 8, p. 383, 2014. Disponível em: <<https://go-gale.ez31.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&u=capes&id=GALE|A381949928&v=2.1&it=r>>. Acesso em 03/11/2021.

FITZGERALD, A. Professional identity: A concept analysis. Nursing Forum. p. 1- 26, 2020. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/nuf.12450>> Acesso em 10/05/2020

FURTADO, E. A. Conversando sobre a identidade profissional. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 10, n. 2/3, p. 46-8, mai. /dez., 1999

GALHEIGO, S. M. Transdisciplinaridade enquanto princípio e realidade das ações de saúde. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 10, nº 2-3, p. 49-54, 1999.

GALHEIGO, S. M. As discussões “fundamentais” da Terapia Ocupacional: Retrospectiva histórica, percursos e perspectivas. *Anais... X Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional: Contextos, territórios e diversidades*. Goiânia. 2007

GALHEIGO, S. M. Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional: diálogos com Boaventura de Sousa Santos. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 215-221, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/cto.2014.023>>. Acesso em: 07/02/2019.

KIELHOFNER, G. *Conceptual Foundations of Occupational Therapy Practice*. e.4. Filadélfia: F. A. Davis Company, 2009.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Identidade e complexidade: composições no campo da terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 10, n. 2/3, p. 42-45, 1999.

LIMA, E. M. F. A. Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 14, n. 2, p. 64-71, maio/ago. 2003

MACHADO, M. C. Rumo a ciência da atividade humana. a. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, vol. 2, nº2-3, p. 60-65, 1991.

MELO, D. O. C. V. *Em busca de um Ethos: Narrativas da fundação da Terapia Ocupacional na cidade de São Paulo*. São Paulo: UNIFESP, 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2015.

MORISSON, R. et al. Identidad profesional en estudiantes de último año de terapia ocupacional. Una experiencia piloto en el contexto español. *TOG (A Coruña)*, v. 15, nº 28, p. 194-202, 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6759582>>. Acesso em 03/11/2021.

MORISSON, R.; GARLITO, P. C.; MIRALLES, P. M. Identidad Profesional em Terapia Ocupacional: Uma Revisión Bibliográfica Desde España. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, v. 18, nº2, p. 21-28, 2018. Disponível em: <<https://doaj.org/article/733744ad27de42f08c133162ddc96085>>. Acesso em 03/11/2021

TALAVERA VALVERDE, M.A. El que hacer vacío. La identidad profesional al alcance de la mano. TOG (A Coruña), v. 6, nº 7, 2007 Disponível em: <<http://www.revistatog.com/num6/pdfs/presentacion.pdf>>.

TASSARA, E. T. O. Terapia Ocupacional: ciência ou tecnologia? *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v.4/7, p.43-52, 1993.

VIEIRA, M. Trabalho, Qualificação e a Construção Social de Identidades Profissionais nas Organizações Públicas de Saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*. Jul-Out., 5, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406757018004>>. Acesso em: 16/04/2019.